

# AS CRÔNICAS DE AEDYN

OS ESCOLHIDOS

*Uma fantasia inesquecível*

Alister McGrath

Originally published in the USA under the title:  
*Chosen Ones*  
Copyright © 2010 by Alister McGrath  
Translation copyright © 2011 by Alister McGrath  
Translation by Eloisa Pasquini  
Published by permission of Zondervan, Grand  
Rapids, Michigan. [www.zondervan.com](http://www.zondervan.com)  
Portuguese edition © 2011 by Editora Hagnos Ltda

Tradução:  
*Eloisa Pasquini*

Revisão  
*Dominique M. Bennet*  
*João Guimarães*  
*Edna Guimarães*

Adaptação projeto gráfico capa  
*B. J. Carvalho*

Diagramação  
*B.J. Carvalho*

Editor  
*Juan Carlos Martinez*

1a edição - outubro de 2011

Coordenador de produção  
*Mauro W. Terrengui*

Impressão e acabamento  
*Imprensa da Fé*

Todos os direitos reservados para:  
Editora Hagnos  
Av. Jacinto Júlio, 27  
04815-160 - São Paulo - SP  
Tel: (11) 5668 5668  
e-mail: [hagnos@hagnos.com.br](mailto:hagnos@hagnos.com.br)  
[www.hagnos.com.br](http://www.hagnos.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

McGrath, Alister

As Crônicas de Aedyn: os escolhidos / Alister McGrath; Tradução Eloisa Pasquini;  
[ilustrações Wojciech Voytek Nowakowski]. -- São Paulo : Hagnos, 2011.

ISBN 978-85-243-0417-0

1. 2. 3. 4. I. Título.

10-12859

CDD-248.4





# Prólogo

*Dez pequenos navios navegavam rapidamente pelos mares, procurando abrigo do desastre que engolira sua ilha. Homens, mulheres, crianças e animais olhavam para trás com medo. Além do rastro de espuma deixado por suas embarcações eles viam uma coluna de fumaça e cinzas subindo em direção ao céu, se espalhando pelo horizonte ao tocar a atmosfera. O brilho da luz e as chamas iluminavam as cinzas. Alguns passageiros choravam, com o vislumbre da devastação de sua terra natal.*

*Os que estavam no primeiro navio olhavam ansiosamente para o líder. Se alguém pudesse salvá-los, seria Marcus. Ele os havia alertado de um desastre que estava por vir, ele os apressara para fugir. Ele havia supervisionado a construção dos navios e o carregamento dos mantimentos para a viagem. Contudo, ninguém sabia para onde iriam, se teriam algum destino além de um túmulo nas águas. Nenhum dos grandes sábios jamais falara a respeito de terra além do horizonte sul. No entanto, esse era o rumo que Marcus havia estabelecido.*

*Dias se passaram sem nenhum sinal de terra. Marcus vigiava na proa, observando atentamente o vazio, tentando ocultar sua crescente ansiedade das pessoas que o rodeavam. Em algum lugar mais à frente tinha que ter uma ilha — uma ilha que não aparecia em nenhum mapa. Acima dele, as águias voavam em círculos, procurando sinais de terra. No entanto, nada surgira até aquele momento. Marcus queria saber, e já não era pela primeira vez, se estava errado. Mas ele endireitou os ombros e manteve os olhos fixos, no horizonte. Tudo dependia dele.*



## CAPÍTULO

# 1

**E**ra uma vez uma velha casa na cidade inglesa de Oxford. Ela fora construída perto dos antigos muros da cidade, tinha hera crescendo sobre suas paredes de pedra, nas laterais das janelas, e era o tipo de lugar com muitos cantos escuros e escadarias obscuras. Nessa casa vivia um professor universitário, sua esposa e um velho gato malhado.

O interesse especial do professor era ler a respeito de antigas batalhas, tanto em terra como no mar. Seu escritório desorganizado estava repleto de quadros de batalhas navais famosas. O professor, na verdade, nunca estivera no mar, mas apreciava tudo o que a ele se relacionasse. Ninguém, portanto, ficou mais orgulhoso do que ele quando seu filho se tornou comandante da Marinha Real Britânica. Sua esposa era o tipo de vovó especializada em chás deliciosos e biscoitos. Ela possuía grandes bochechas redondas e um enorme colo para as crianças sentarem.

Certo dia, nem tanto tempo atrás, a casa estava toda em agitação com os preparativos para a chegada de dois visitantes especiais: seus netos. A mãe deles morrera havia menos de um ano, e com o pai em alto mar, eles precisavam de um lugar para passar as férias escolares. A esposa do professor passara a manhã colocando lençóis e cobertores ao sol, varrendo o chão, e tirando pó dos armários. O professor tinha passado a manhã escolhendo livros para deixar nos quartos dos hóspedes. Para Pedro, de 14 anos, ele havia escolhido a história das táticas da batalha de Trafalgar do almirante Nelson. Foi um pouco mais difícil encontrar um livro adequado para Júlia, de 13 anos, mas finalmente ele escolheu um ótimo livro sobre política grega antiga e deixou-o sobre seu criado mudo. Sua esposa viu quando ele colocou ao lado da cama de Júlia, um vaso de flores recém-colhidas do jardim e apressadamente o substituiu por um exemplar de *Alice no país das maravilhas*.

As crianças chegaram nessa mesma noite com todo o alvoroço costumeiro depois de uma longa viagem. Os dois foram muito abraçados e beijados, deixaram as suas malas, comeram diversos doces, e foram levados para os seus quartos. Pedro imediatamente desabou em cima de sua cama sem ao menos se preocupar em trocar de roupa, mas Júlia não estava cansada. Ela tomou banho, colocou uma camisola longa e sentou-se à beira da cama, escovando seus longos cabelos, distraída e olhando pela janela para um jardim murado logo abaixo. Ela suspirou profundamente.

Em geral, ela e Pedro tinham permissão para ficar com amigos da escola durante esses períodos de férias enquanto seu pai estivesse ausente. Mas desta vez ele teria licença e viria



vê-los. Ele disse na mensagem enviada que tinha algo para lhes contar. Então, Pedro e Júlia haviam sido avisados para irem direto do colégio interno para a velha casa em Oxford. O pai os encontraria assim que seu navio atracasse em Plymouth.

Júlia preferiria ter ido para a casa de Lucy Honeybourne, em Kent. Elas poderiam nadar juntas, e até mesmo fazer compras em Londres. Ela amava seus avós, mas eles eram tão... antiquados. Ainda bem que eles finalmente a tinham deixado em paz durante a noite. Ela guardou a escova de cabelo e se recostou no travesseiro, folheando vagarosamente o livro, *Alice no país das maravilhas*, e ouvindo o ronco do irmão pela parede.

Júlia, na verdade, não era muito ligada a Pedro. Ele era interessado em coisas que a entediavam, como máquinas, equipamentos eletrônicos e esporte, e como os dois tinham sido mandados para o colégio interno, raramente se viam. Mas ela admitiu para si mesma que até Pedro seria melhor companhia do que seus avós.

O seu pensamento congelou quando seus olhos se fixaram na velha porta de madeira trabalhada. Ela foi se abrindo lentamente, rangendo, até que um raio de luz invadiu o quarto. Mas no momento seguinte, ela relaxou. Scamp, o velho gato malhado, entrou e, correndo, pulou na cama ao seu lado.

— Oh, olá Scamp! Ela o levantou e fez cócegas em seu pescoço. O gato ronronou apreciando o carinho. Ambos estavam felizes por terem companhia. Júlia foi até a janela fazendo cafuné atrás da orelha dele, e olhou pelo vidro para o jardim murado, onde havia uma fonte que borbulhava delicadamente.



— Olhe esse jardim! — Scamp pressionou sua pata contra a fria vidraça e ronronou mais uma vez.

— Você não gostaria de explorá-lo? Mas não pode porque você é um gato que fica dentro de casa, não é?

Scamp não podia sair de casa para evitar a possibilidade de voltar com pulgas, pássaros ou camundongos recém-mortos. A avó de Júlia ficava horrorizada só de pensar em uma dessas criaturas vivas, ou mortas, entrando em sua casa tão bela e limpa. Ela também não queria que o Scamp se misturasse com os gatos comuns e rudes que viviam nas ruas. Ele poderia aprender maus hábitos.

Júlia deu um sorriso irônico. Pobre Scamp, sempre preso dentro de casa! De repente, algo se mexeu no jardim lá embaixo. Alguns pássaros se agitaram ao redor da fonte. Scamp imediatamente ficou em alerta, músculos tensos, olhando fixamente para os passarinhos lá no jardim. Júlia notou seu interesse no que havia lá embaixo.

— Você gostaria de ir lá fora e ter uma aventura, não gostaria? Bem, sinto muito, mas você não pode sair. Você terá que ficar aqui.

Júlia colocou o gato na cama e observou-o se aconchegar e adormecer. Certificando-se de que Scamp não iria segui-la, colocou suas pantufas azuis e desceu a escadaria de madeira que levava até o *hall*. Ela não estava cansada — ia, então, explorar.

A casa estava tranquila e silenciosa, exceto pelo tique-taque do velho relógio de parede. Era a primeira vez que Júlia andava sozinha pela casa. Ela começou a investigar, dando uma olhada nos cômodos nos quais tinha certeza que não devia entrar. Deu uma olhada no escritório do seu avô. Que bagunça! Papéis por todo o chão e pilhas enormes de livros sobre sua escrivaninha. Parecia ter um modelo de barco a vela em cada prateleira do escritório. Fechou a porta silenciosamente e seguiu para a sala de visitas. Depois de meia hora, ela já tinha explorado todos os cômodos da casa. E agora? Ainda bem desperta, odiava a ideia de voltar para aquele quarto abafado.

Ela, então, foi para o corredor. Passou os dedos nos antigos painéis de madeira que forravam a parede. À sua esquerda estava a porta principal pela qual ela entrara mais cedo, quando chegou. Mas havia outra porta à sua direita, meio escondida

por uma pesada cortina verde. Ela andou em sua direção e empurrou a cortina de lado. Será que essa porta a levaria para um porão? Ou para a rua? Júlia certificou-se de que Scamp não estava por perto e, devagarzinho, começou a destrancar e abrir a porta. A velha e pesada porta feita de madeira de carvalho gemeu e rangeu pela falta de uso e Júlia congelou de medo. E se alguém tivesse ouvido e viesse investigar? Júlia prendeu a respiração por um longo momento, mas, tudo continuava silencioso.

Respirou fundo, abriu completamente a porta e deparou com um jardim murado. Aquele devia ser o mesmo jardim que ela via de seu quarto. Júlia hesitou. Deveria entrar? Olhou rapidamente à sua volta. Não havia ninguém! Ela entrou no jardim, fechando com muito cuidado a porta atrás de si.

Era uma maravilhosa noite do mês de maio. Uma luz prateada brilhava por entre as correntes de água da fonte no centro do jardim. O suave borbulhar da fonte ecoava nos muros, envolvendo o jardim em uma música suave. Ao lado da fonte havia um pequeno lago alimentado pela própria corrente d'água. Os muros estavam cobertos por árvores e trepadeiras. Macieiras, glicínias e magnólias estavam todas em flor, e o ar noturno misturava-se às suas fragrâncias. Era o jardim mais lindo que Júlia já tinha visto.

E então, ela ouviu uma voz sussurrar seu nome, suave e vagorosamente. Um arrepio desceu pela sua coluna ao se virar, procurando de onde vinha aquela voz. Mas, não havia ninguém ali. “Pare de ser boba”, ela falou para si mesma e sacudiu a cabeça antes de correr de volta para casa. Deve ter sido o vento, os passarinhos, ou alguém na rua do lado de fora dos muros.

Júlia fechou a porta delicadamente e voltou para o seu quarto no andar de cima. Scamp, que ainda estava deitado, espreguiçou e flexionou suas garras enquanto ela puxava as cobertas e deitava na cama. “Que jardim estranho”, ela pensou. “Algo não estava certo ali”. Mesmo assim, ele parecia tão lindo do lado de fora de sua janela, brilhando suavemente. Árvores prateadas, caminhos prateados, água prateada. A fonte e o pequeno lago cintilavam uma luz misteriosa, e ao mesmo tempo bonita. Havia algo estranho ali, ela pensou. Mas não conseguia entender o que era.

Júlia aconchegou-se debaixo das cobertas, decidindo que visitaria o jardim novamente no dia seguinte. E foi exatamente enquanto adormecia, que ela teve a súbita percepção do que achava estranho no jardim: naquela noite não havia lua.



Na manhã seguinte, Júlia acordou sentindo uma pressão no ombro, abriu os olhos e viu Scamp massageando as patas sobre ela. Júlia sorriu, ainda com sono, e fez cócegas em suas orelhas. O malhado pulou da cama e miou à porta.

— Pronto para o café da manhã? Júlia perguntou ao seu amiguinho. Também não me importaria de comer um pouco.

Sua avó já estava à mesa no andar de baixo, tomando aos poucos sua xícara de chá enquanto lia com atenção a correspondência. Ela sorriu quando Júlia apareceu e, gesticulando para que sentasse ao seu lado, disse: — Bom dia, minha querida. E onde está aquele seu irmão maroto nesta manhã?

Sua pergunta foi respondida com um resmungo. Pedro entrou galopando na sala, ainda com a roupa do dia anterior, e caiu pesadamente sobre a cadeira. Júlia chegou à conclusão de que as férias seriam muito longas...

O café da manhã foi um acontecimento tenso. A avó das crianças tentou fazer que Pedro e Júlia falassem a respeito da escola e de seus *hobbies*, mas quando seu arsenal de perguntas se esgotou, ela deixou a mesa e se retirou para o seu mundo silencioso dos livros e do crochê. Pedro pediu permissão para explorar Oxford, e Júlia, alegre por ter sido deixada em paz, pegou um livro e foi para o jardim que ela já estava começando a considerar seu.